

EIXO 11: FORMAÇÃO E TRABALHO DE PROFESSORES PARA OS DESAFIOS DO ENSINO NO SÉCULO XXI

A TRADIÇÃO E O RESSENTIMENTO NOS ARGUMENTOS CONSERVADORES DE PROFESSORES EM FLORIANÓPOLIS/SC

Luiza Ribeiro Moraes
UFRGS
luizarmoraes@gmail.com

Resumo

Este trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla intitulada “As alianças conservadoras, a política e a prática educacional: um estudo de caso comparativo do Brasil, do Chile, do Uruguai e dos Estados Unidos”. Tem-se como objetivo, nesta investigação, entender como os argumentos utilizados por atores conservadores na educação são articulados pelas comunidades escolares (gestão, docentes e famílias) da Educação Básica. Nesse sentido, foram realizadas entrevistas que serviram como subsídios para investigar como argumentos conservadores têm sido apropriados. Por meio da análise das entrevistas, minha pesquisa busca entender se e como os valores de “resgate da ordem social” são apropriados no ambiente escolar nas falas de professores de Florianópolis/SC. Podemos definir “resgate da ordem social” como uma resposta de determinados grupos aos avanços de pautas associadas a igualdade de gênero, raça, sexualidade e classe, que não veem com bons olhos tais conquistas. De acordo com tal ideia se faz necessário reforçar valores patriarcais, racistas, cis heteronormativos para impedir a consolidação desse imaginário social e barrar conquistas nos direitos civis (Lima, et al, 2025, p. 19). Com isso, é preciso verificar primeiramente o que significa o projeto político “conservador”, e se a ideia de “resgate da ordem social” se sustenta como uma categoria chave para a compreensão desses discursos ou se há outras formas de compreender esses usos do passado. A ideologia “neoliberal”, parte atuante das Alianças Conservadoras (Apple, 2003), é essencial para compreender o papel da “tradição” nestes argumentos. Para isso, me baseei nos escritos de Wendy Brown (2019) sobre o tema. Segundo a autora, o projeto político neoliberal da atualidade é uma adaptação da ideologia de Friedrich Hayek. Ele defendia uma sociedade ideal baseada justamente nas tradições, pois elas garantiriam a liberdade dos indivíduos e do mercado. Assim, um Estado que assegure a liberdade por meio de

regras universais baseadas na tradição precisa limitar o poder legislativo (que é corrupto e impede as mudanças espontâneas da tradição), desacreditar nos discursos de justiça social (que enfraquecem as tradições fortes) e expandir a “esfera pessoal protegida” (pois família, propriedade e religião são a base da continuidade das tradições). Na prática, a esfera pessoal protegida é expandida ao ponto de a Nação ser vista como uma casa ou empresa privada e, contraditoriamente, “[...] o coquetel formado pela liberdade desinibida, pois desenraizada, e pela tradição politizada incita um niilismo contra o qual a tradição supostamente imuniza” (Brown, 2019, p. 149). Essa distorção mostra a fragilidade do pensamento de Hayek. Esse “niilismo”, segundo Wendy Brown, significa uma “desvalorização dos valores”, reduzindo a capacidade de reivindicação e a força da consciência. O sentimento que prevalece, então, é o ressentimento. Esse ressentimento e tradição pode ser percebido nas entrevistas realizadas em Florianópolis/SC. Ressaltamos que para preservar o anonimato dos entrevistados, utilizamos nomes fictícios. No ambiente escolar, mapeado através das entrevistas, o “respeito aos mais velhos” é um dos valores que mais precisa ser “resgatado”, aparentemente perdido pela nova geração. Esse respeito traz em si a ideia de um resgate de um aluno ideal (disciplinado, submisso, ordeiro), por meio do desejo do retorno de uma hierarquia (disciplina); punições. Nesse sentido, a militarização das escolas aparecem em algumas falas como a solução para melhoria da disciplina, a partir do Decreto Federal 10.004/2019, conhecido como PECIM e, atualmente, sua réplica municipal (decreto nº 24.375/2024). Por exemplo: Quando o programa [de militarização] começou em maio, resgatou muito desses valores, então, a disciplina, o civismo, né, alunos que a gente tinha como indisciplinados mesmo, com problemas familiares [...]. (Diretora Flávia). Entretanto, não é só sob a chave da disciplina que se defende a militarização das escolas. Com o sucateamento da educação e a fragilidade de vínculos empregatícios dos professores de Florianópolis (segundo TCE/SC, em 2024, quadro efetivo de professores representa somente 32,7%) a figura dos monitores ligados ao projeto é também um incentivo: [...] os alunos meio que já têm um respeito. Que não tem pela gente ser, ah, é o professor. Aí sabendo que tem outras pessoas que não são exatamente professores, que estão aqui, que são os monitores que às vezes dão suporte, eles já ficam um pouco mais, sabe, mais tranquilos. (Professora Fabiana). Com isso, percebe-se que não só argumentos disciplinares são importantes, mas o apoio

prometido (tanto de verba como de recursos humanos) é essencial. Ainda sobre currículo outro dado é a crítica ao “progressismo na educação” que resultou nessa suposta indisciplina dos estudantes e, conseqüentemente, a perda de respeito e valor: A gente não pode fantasiar que todo aluno vem para a escola para estudar. Então a gente tem que ajudar quem está remando no barco. O papel da escola [atualmente é] a inclusão, a socialização, o nome disso é parque de diversão. A escola virou um grande parque de diversão. (Professora Fátima). Além disso, há a ideia de que essa nova doutrina disciplinar impede o professor de exercer sua autoridade: Ele [professor] tá de mãos atadas. Ele não pode berrar porque é assédio moral. Ele não pode tocar porque aí tem o físico. Ele não pode mais deixar de castigo, que no nosso tempo não era deixar de castigo. (Professora Fernanda). Nesse sentido, a “política do ressentimento” (Brown, 2019) impera nos indivíduos que historicamente dominaram e se vêm perdendo espaço. A autoridade, muitas vezes ligada a masculinidade e branquitude, fornece uma proteção limitada contra as perdas que o neoliberalismo produziu nas classes baixas e médias. Com isso, a política se baseia no rancor, na vingança, no desprezo; o resultado prático de décadas de aplicação de políticas/ideologias liberais é o enfraquecimento democrático, conduzido pelo ressentimento e pela distorção da tradição e moralidade. Em conclusão, o sucateamento da educação, como a diminuição dos investimentos, substituição de professores concursados para contratos temporários, organização de grupos comunitários de vigilância ao trabalho docente, não é entendido pelos entrevistados como principal motivo das dificuldades no cotidiano escolar. Em vez disso, é defendido que há uma cultura geracional do desprezo ao ensino e da indisciplina, culpando os próprios estudantes e familiares. As soluções, então, estão ligadas ao retorno de valores cívicos e à militarização.

Palavras-chave: Ressentimento, disciplina, educação cívico-militar.

Referências

- APPLE, Michael. **Educando à Direita: mercados, padrões, Deus e desigualdade**. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2003.
- BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente**. São Paulo: Editora Politeia, 2019.



LIMA, Iana Gomes de; DALMASO-JUNQUEIRA, Bruna; FERREIRA, Jaqueline Garske; SANTOS, Gabriel Dias dos; BRAGA, William Braga. O vocabulário do conservadorismo na educação brasileira: um glossário em construção. **Currículo sem Fronteiras**, v. 25, e1140, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.35786/1645-1384.v25.1140>. Acesso em: 23 jun. 2025.

LIMA, Iana Gomes de. **As alianças conservadoras, a política e a prática educacional: um estudo de caso comparativo do Brasil, do Chile e dos Estados Unidos**. Porto Alegre: UFRGS (Projeto de Pesquisa). Não publicado. 2023.